



# Gaiato

ANO XXV — N.º 644 — Preço 1\$00  
16 DE NOVEMBRO DE 1968



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR EDITOR PADRE CARLOS C. POSIÇÃO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GAIATAS DA CASA DO GAIATO

# Doutrina

Chegou há dias uma carta solicitando o meu «valioso préstimo» junto de alguém de quem se sabia ser um «íntimo amigo».

Achei-lhe graça! É que, tendo, na verdade, comunicado mais de uma vez (e sempre frutuosa!) com o meu «íntimo amigo», sucede que nunca o vi, nunca lhe falei, nem sequer lhe vi fotografia da qual possa tirar fundamento com que lhe imagine a estatura, a idade, o semblante. Achei-lhe graça!

Mas, para além do anedótico, tem o caso matéria de reflexão.

Primeiro, a mentalidade reinante — infelizmente justificada aqui e ali — de que nada se consegue sem mexer os cordelinhos de compadrios complicados. É um jogo de influências, cheio de tabelas e carambolas — qual difícil lance de bilhar! E ninguém diga: «desta água não beberei!» Eu próprio já tenho caído! De uma vez, entre os vários recados que me levaram a Lisboa, um era em Repartição onde pontificava velho amigo da Obra, sempre pronto a desembaraçar-nos o caminho. Pois havia sido transferido e ocupava agora o seu lugar outro funcionário, de quem me informaram ser de «poucos amigos». E aí vou eu saber quem eram esses «poucos». E assim gastei uma tarde inutilmente sem dar com pista alguma. Voltei à dita Repartição, ao dito desconhecido funcionário. Apresentei-me. Disse ao que ia. Como de costume, era da espécie do bem-comum o motivo que ali me levava. Pois não perdemos nada com a troca do velho amigo. Antes, ganhámos um novo, que até agora nunca outra coisa nos fez que não fosse aplanar dificuldades.

O segundo ponto é, pois, o fundamento desta mentalidade: falta de confiança na justiça daquilo que se pretende; ou a convicção mesma da ausência de justiça, não seguida da lógica e decente desistência da pretensão. É a vulgaridade da cunha que faz passar à frente o que em mérito relativo devia vir depois, quando não prefere mesmo o que nem sequer atingiu mérito absoluto. É o triunfo da injustiça conhecida como tal, triunfo do «quem tem amigos não morre na cadeia», mesmo que seja nela a sua devida morada. E assim tomamos a segunda parte do fundamento desta mentalidade, que se pode enunciar pela recíproca da formulação anterior, e que é um facto repetido com infrequência: «quem não tem padrinhos não se salva».

Esta maneira de pensar e de proceder constitui um erro grave, um ciclo vicioso em que, uns aos outros, nos vamos contaminando e minando a construção da Justiça, cujos alicerces devem ser os direitos e os méritos de cada um.

«Os padres da rua — escreveu Pai Américo — não têm residência, nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada.» E é verdade!

Continua na QUARTA página

As nossas edições

## «SOMOS A PORTA ABERTA»

ESTE magnífico livro, com o título acima indicado — quase todo ele de Pai Américo — não tarda a sair prá rua.

Custou chegar ao fim, devido a alguns imponderáveis. E custou ainda, bastante, materialmente — pois foi impresso em papel «offset» e a capa litografada. Agora, porém, com a obra quase pronta, suspiramos de alegria! E não resistimos que todos saboreiem,

já, uma breve nota inserta no mesmo — à laia de prefácio — escrita pelo nosso Padre Carlos. Ela aí vai:

«Não é fácil ver em um só olhar uma personalidade tão rica como a de Pai Américo.

A convivência da sua pessoa ou dos seus escritos revelam-no: artista da palavra que domina e controla em estilo absolutamente original; alma de sensibilidade estética agudíssima perante a Natureza, a obra de arte, a beleza de outra alma; pedagogo, de escola antiga e sempre nova, porque fundada nos valores perenes do amor e da liberdade; sociólogo, de ciência simples e eficiente, intuída do Evangelho; místico, na meditação e na vivência das Bem-aventuranças; «carismado» para a evangelização dos Pobres; profeta...

Qualquer destes temas poderia sugerir uma recolha antológica dos seus escritos, a qual nos daria a visão de uma faceta sua e permitiria ir reconstruindo a sua personalidade total.

Continua na TERCEIRA página



Sem preconceitos, «Pelé» e «Olho Marinho», da Casa do Gaiato de Lisboa, pousam sorridentes para a fotografia.

## AQUI, LISBOA!

Há medida que o tempo passa mais compreendemos o valor das verdadeiras famílias. Quem teve a graça de conhecer os pais, chamar pelos seus nomes, ouvir as suas reprimendas ou ser alvo dos seus carinhos e cuidados, receber os seus castigos ou as suas palavras amigas, não pode avaliar o bem que teve. Só vivendo numa Casa como esta uma pessoa se apercebe claramente do que representa a ausência ou a demissão dos progenitores, apalpar a fundo os traumatismos impressos nas almas, de consequências imprevisíveis, tantas das vezes. Por outro lado, nos tempos que correm, os filhos, mesmo de gente sã e com meios, estão sujeitos a um abandono mais ou menos acentuado. São as exigências sociais ou económicas ou outras motivações, aliás nem sempre razoáveis, que justificam a entrega das crianças, durante quase todo o ano, a colégios, creches, jardins infantis ou a outras pessoas, mais ou menos preparadas. O equilíbrio psíquico dos jovens ressentem-se assim da quase «expulsão» a que estão sujeitos do ambiente natural, para viverem normalmente um habitat que deveria ter apenas função de complementaridade. A afectividade, o controle das variadas reacções, os exemplos,

Continua na TERCEIRA página

Recorte o cupão pela cercadura e cole num postal dos C. T. T. dirigido à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA

(Letra bem legível) REMETAM PARA: \_\_\_\_\_

MORADA: \_\_\_\_\_

.....exemplar (es) do livro «SOMOS A PORTA ABERTA»  
(Pedagogia de Pai Américo: MÉTODOS E VIDA)

NAS RESPOSTAS AO SEGUINTE INQUÉRITO RISQUE O QUE NÃO INTERESSA

É assinante da Editorial?  SIM  NÃO Deseja inscrever - se?  SIM  NÃO  
É assinante de «O Gaiato»?  SIM  NÃO Deseja inscrever - se?  SIM  NÃO

# BELEM

Há quanto tempo não vimos a estas colunas e como terão os estimados leitores interpretado um tão longo silêncio?

Creio que de diferentes modos, cada um consoante a atenção que tem dado às nossas notícias e o conhecimento directo, que tenha, da nossa vida.

Já aqui disse uma vez que, silêncio nestas colunas, é sinónimo da muita actividade que por cá vai e noutros sectores, e de falta de tempo.

Mas, objectam os mais amigos, a falta de notícias deve trazer-nos muito transtorno, quanto a donativos. Quem não é visto (neste caso, lido) não é lembrado...

De acordo! A última nota de presenças saiu, se bem me lembro, em Abril e, de então para cá, tem sido uma miséria. Aparte uns tantos Benfeitores, que a si próprios impuseram a obrigatoriedade da presença mensal, os outros têm passado pelo esquecimento.

Tem sido, para nós, uma experiénciinha dura. Mas proveitosa, sobre como se vive do trabalho do dia a dia. É muito benéfica para as mais velhas, que vieram muito novas e já esqueceram a miséria que deixaram. A nossa quinta exige muito trabalho, mas também dá o pão nosso de cada dia.

Isto, claro, porque nossa família ainda é muito pequena. E continua pequena porque não poderá aumentar, sem uma grande ampliação e adaptação da Casa.

Aqui, parece-me que estou a ouvir os leitores comentar, muito sensatamente, a insensatez de vir para aqui falar em obras, com uma dívida em aberto...

Mas aqui é que se enganam, graças ao Senhor. Não sei bem como foi, mas a dívida já está saldada. Portanto, este nosso imóvel, está agora a reclamar obras, para que possa vir a abrigar uma grande família e em condições de poder preparar o futuro a cada uma das que a comporão.

Não poderemos, pois, daqui por diante, aguentar sôzinhas com tão grande empresa. Precisamos do vosso auxílio. Precisamos de colaboração a mais variada, como mais facilmente poderá calcular quem algum dia meteu outros a qualquer construção.

Esperamos em Deus que aparecerão tantas boas vontades quantas as necessárias para levar a bom termo esta empresa, sem a qual não será possível um maior desenvolvimento da Obra.

Mas, atenção, por favor! Tem-nos feito muita falta e, daqui por diante, mais fará uma

carrinha, para serviço da Casa e da quinta. Como vem perto o Natal, esperamos que o Menino Jesus não esqueça esta nossa necessidade.

Como estamos em maré de pedidos, não me fico por aqui. Também a nossa quinta, com um belo pomar, já de cinco anos, além das outras terras de sementeira, reclama um moto-cultivador. Um moto-cultivador dos mais leves e pequenos, por causa do pomar, das vinhas e porque a nossa quinta é em socacos e terá de subir rampas. É sabido como escasseiam os braços na agricultura, o que traz grandes dificuldades aos lavradores. Acrescentem os leitores às dificuldades de todos, mais aquelas que nos advêm do facto de ser uma Casa de raparigas e com uma só pessoa responsável.

Toda a gente que aqui vem se admira de como temos conseguido cultivar toda a quinta. (Ela é a maior responsável pela falta de notícias, neste jornal).

O moto-cultivador e, vá lá!, uma sementeira, seriam para nós preciosas ajudas, na economia de energias e tempo.

Agora a nota de presenças, com os que nunca faltam, à frente:

Helena, de Lisboa, e Amiga, com o seu vale mensal de 1.000\$00 e mais um lindo crucifixo que me trouxe da Terra Santa. Bem haja!

Anónima, também de Lisboa, com uma média de 200\$ mensais e sempre muito amigas palavras.

Casal Amigo, de Braga, com 50\$ mensais. Também presen-

tes, todos os meses, os sócios desta cidade e da Caixa de Providência, por intermédio das Irmãs Valles.

Com muita frequência, das Caldas da Rainha, os 150\$00 para a Casa Nova, daquele Senhor que já me ralhó por não escrever. Agora para as Obras. sim?

Também uma Alice, do Porto, aparece constantemente, com as suas dádivas, para o mais urgente. Da mesma cidade há também uma Maria José que não nos tem esquecido. Ainda da Invicta aparece muitas vezes uma Maria da Glória.

Segue-se Maria Isabel, do Gavião; Maria do Céu, de Lisboa; uma Lécista de Figueira de Castelo Rodrigo; Luísa, de Lisboa; Maria de S. José, de Coimbra; Avó de Moscavide; Maria Helena, de Lisboa; 20\$ de Viseu; 50\$ de Maria Leonor em acção de graças pelo bom resultado do seu exame.

Da Casa do Galato, este cartão:

«Juntamos 10\$00 em selos, total dos donativos recebidos em Setembro.

Que miséria!»

De Coimbra, vale de 1.500\$. Roupas e calçado de vária origem.

Dos donativos que recebemos na rua, ou em casa, não damos aqui notícia, que este artigo já vai longo.

Que Deus a todos pague 100 por um.

Inês

Apesar de nem sempre haver vagar para nos dedicarmos ao nosso cantinho — tão procurado nas colunas de «O Gaiato» — nem, por isso, esquecemos os nossos Amigos. Todo o nosso trabalho ao longo do ano, é feito com a intenção de que todos nos comprarão as peças de malha, confeccionadas pelas nossas pequenitas nas horas vagas, para agasalharem as crianças pobres (como algumas delas), velhinhos e doentes. Pois temo-las para todos os tamanhos. Como sabem, além das camisolas, há também os famosos chales que, este ano, não foram muito procurados, razão porque temos ainda bastantes, feitos, dos de 3 bicos. Para conhecimento de todos, lembro que, este ano, temos cobertores em lã com as medidas de 2,20x1,50 por 120\$. O primeiro que se fez, já foi para Lisboa, que é sempre a primeira da «procissão», e acompa-



nhado de muitos mais trabalhos, para uma Amiga da primeira hora que nos visitou no verão passado, estando uns dias connosco. Pegas, e soquetes, próprios para presentes, para Anadia. Desde já peço para não deixarem os vossos pedidos para a última hora; depois há atraso nos Correios, e a encomenda não chega a tempo para o dia que desejam, como aconteceu o ano passado a várias pessoas. Algumas encomendas enviadas: Matosinhos, 3 mantas e 3 chales. Uma colcha para berço e 3 pegas, foram para Lisboa. Chales para a Covilhã. Mais 3 chales para Besteiros. Vila Nova de Gaia, 1 colcha em lã e algodão. Chales para

Estou na Beira, a redigir esta crónica. Trouxe o Xico para me revezar na condução, e o Santana para companhia. Chegámos ao fim de vinte e quatro horas de caminho com um intervalo de duas horas. Bem instalados em Casa de Família, fizemos uma barreira ao carro, repositámos um pouco e fomos celebrar ao Centro Pastoral D. Sebastião de Resende. E agora aqui estou na varanda da Casa, a dizer-vos, amigos leitores, porquê e a que viemos.

Em Lourenço Marques, tenho andado pelas Igrejas a apresentar às assembleias cristãs, e a torná-las participantes, os nossos problemas e necessidades. Parece que nem a todos tem agradado o que ouvem. Falas duras para almas rudes. O que digo não é rebuscado. São passagens da nossa vida com a sua verdade nua, ccada, às vezes até, por palavras pouco incisivas para não ferir.

Nós precisamos de falar. Os remédios que se aplicam à raiz do mal são de maior alcance. Nós precisamos de pedir, não só porque há quem precise de dar, aproveitando libertar-se

# LOURENÇO MARQUES

um pouco de egoísmos, encarando as dificuldades dos outros, mas também porque precisamos mesmo de pedir. Estamos a começar a Aldeia, sem nada e até com uma razoável dívida. Sem nada não é bem, porque o nosso capital é precisamente a nossa pobreza. É o não termos nada que nos dá a força para pedir, a segurança para esperar e «a certeza de ver a Obra realizada antes de começar» — como disse Pai Américo.

Por isso viemos pedir. Não nos será possível ir por outras terras, por dificuldades de caminho. Os nossos assinantes, como amigos e interessados nesta Obra que é de todos, têm a palavra na ocasião própria. É a hora!

Padre José Maria



Chás dançantes e outras «festas de Caridade» — As Obras de Amor geram-se com Amor, dizia Pai Américo. Isto deixou a seus filhos. A missão sublime do educador é uma Obra de Amor. Como semente lançada à terra e morre, assim o educador. Ele há-de morrer

para dar Vida. É que, sem sangue, sem morte, não há verdadeira Obra de Amor. E todos os que quiserem estar presentes no levantamento desta Obra, não-de trilhar este caminho. Não há outro. O contrário é desvirtuar. É falsear. É ilusão. Temos o Mestre. Deu o exemplo. Deixou uma Obra — Obra de Amor — gerada com Amor.

Pai Américo a cada passo nos fala das aflições, dos trabalhos, dos suores de sangue para erguer a Obra da Rua. Não pode ser outro o testemunho de quem ama. Não há outro processo de ajudar.

Vivemos numa época em que se fala muito de autenticidade, de regresso às fontes. A que fontes?

Caímos na tentação de falar muito e fazer pouco ou nada, para além do barulho, do ruído. A Fonte é o Evangelho feito Vida. É o Sermão das Bem-aventuranças. Basta ouvi-lo e pô-lo em prática e teremos a autenticidade tão apregoada.

Há dias dissemos que não a uma «festa de Caridade» onde entravam muitas coisas e julgamos não estar a Caridade. No mesmo dia recebemos um pai de família que decidiu privar-se todos os meses de uma parcela do seu vencimento, tomando assim lugar na construção de uma «Obra de Amor gerada com Amor».

Padre Manuel

Visado pela

Maria Augusta Comissão de Censura



# Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

o inculcar de sentimentos e a atenção de que só os pais são perfeitamente capazes, tornam-se inexistentes ou altamente afectados. Não basta dormir debaixo do mesmo tecto ou comer de vez em quando uma refeição em comum para se processar a educação dos filhos.

Voltando à ideia inicial: só nas famílias autênticas, com o sentido da responsabilidade e exercendo efectivamente o seu munus, é possível criar e formar homens autênticos, sem inibições ou recalques. «O regresso a Nazaré» é de uma premência calamitosa. As Casas do Gaiato e instituições similares, por melhor que trabalhem, são um triste remedeio, ao fim e ao cabo, e por isso sentimos na nossa carne as dificuldades que se nos deparam todos os dias, para mais sonhos e apenas com a ajuda de uma «Mulher forte» à maneira

do Evangelho, com cerca de 100 Rapazes! De resto, como a generosidade deu lugar ao falacioso e ao vazio, de quem tudo discute ou sobre tudo se pronuncia mas pouco faz, não são muitas as esperanças humanas de nos vermos ajudados ou até substituídos um dia na tarefa apaixonante a que nos dedicámos. Mas de palavras está o Mundo cheio e o que interessa são obras: «non verba sed res», diz o rifeiro latino! Venham Vidas dispostas a minorar ao menos o mal dos Irmãos, já que não se poderá, cabal e eficazmente, substituir o papel da Família.

x x x

O nosso Lar reabriu, em casa própria, graças a Deus. É na Estrela, à R. Ricardo Espírito Santo, 8, r/c, D.to, Tel. 666 333. Podeis dar lá os vossos «recados», com confiança e desprendimento. Vosso

Padre Luís

Cont. da PRIMEIRA página

Trabalho de dissecação, pensa esta recolha, porque o dom de sistematizar, esse não o teve Pai Américo — e as expressões documentais das várias facetas da sua alma encontram-se lado a lado, misturadas, quando não mesmo significando várias delas pela mesma frase.

A presente obra representa da parte da sua Autora um esforço paciente, apaixonadamente teimoso; e, como se fôra pouco, deliberada e escrupulosamente humilde, porquanto ela não quis senão prestar serviço aos dons inúmeros que em Pai Américo a seduziram; e, por esta tentativa de arrumação, prestar serviço a todos os que se debruçam sobre problemas de Pedagogia em busca de uma solução divina.

É a primeira publicação de fôlego que se nos oferece sobre Pai Américo - pedagogo, este «Somos a Porta Aberta»... E, dadas as suas características de obra quase totalmente escrita por Pai Américo, não tivemos hesitação em aceitar a segunda prova de dedicação da sua Autora, fazendo dele uma edição nossa.

Para a Sr.ª D. Maria Palmira Duarte — como para duas outras iniciativas semelhantes de que temos conhecimento — a

As nossas edições

## «Somos a Porta Aberta»

nossa admiração e agradecimento pelo serviço prestado a Pai Américo e a quantos, na sequência dos seus passos, se dão à difícil e divina tarefa de fazer de cada rapaz um homem.»

x x x

Sem ocuparmos demasiado espaço, registamos mais uns breves esclarecimentos — muito oportunos — sobre esta edição. Como, de facto, «é a primeira publicação de fôlego que se nos oferece sobre Pai Américo - pedagogo», resolvemos, como é óbvio, dar à estampa, logo na primeira página — para que todos vejam — uma chamada geral aos nossos Amigos. Vem lá um cupão, simples e prático. Que se destina a ser utilizado, sobretudo por quem não for ainda assinante da nossa Editorial, já que o seu ficheiro — por uma questão de ordem prática — é independente do ficheiro de «O Gaiato». Quer dizer, se o leitor assina o «Famoso», mas nunca recebeu qualquer obra de livro da autoria de Pai Américo (e neste caso há cerca de 20.000 assinantes do «Famoso»...); ou, ainda, se é simples leitor avulso, adquirindo o Jornal aos nossos pequenos vendedores, para receber este livro ou outros a editar, basta recortar o cupão pela cercadura e colar o dito em um postal dos C. T. T., dirigido à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA. Prático, não acham? No fim do

cupão não resistimos, também, à tentação de fazer um breve inquérito que, esperamos, seja muito proveitoso. Pois há milhares de leitores avulsos que só pousam a vista no «Famoso» quando lhes surge um dos nossos pequenos com ele na mão! E, se acontece assim com «O Gaiato», muito mais ainda com as nossas edições, com os livros de Pai Américo. Inscrevam-se agora! E respondam todos! A malta da Tipografia e da expedição do «Famoso» aguarda, confiante, a presença em cheio de todos os Amigos da «Obra da Rua». Pra muita gente esta oportunidade será um autêntico presente de Natal — que não tarda. E não duvidamos que assim seja. Pois quantos se nos dirigem, mais ou menos desta forma, em épocas festivas! «Mandem-me até ao dia X o livro Y de Pai Américo, para oferecer ao meu amigo Z, que eu já sou assinante do vosso Jornal e da Editorial».

E pronto. Hoje ficamos por aqui. Permita Deus os senhores mai-las senhoras não façam orelhas môcas ao nosso apelo. E peguem na tesoura e numa caneta; e remetam o cupão, colado em um postal dos C. T. T., endereçado à nossa Editorial.

No próximo «Famoso», se já houver notícias, daremos mais graças a Deus pelo vosso interesse.

Júlio Mendes



## VISTAS DE DENTRO

Andamos a fazer, a prestações, um parque infantil.

Matos acabou de montar uma roda, a que os rapazes chamam «maluca». Aproveitando um banco rústico com mesa, que Fernando lá colocou a um canto, pus-me a rezar o Breviário.

A novidade chama alguns visitantes. Por uns momentos paro a oração para os observar. Eis que oço «Gordinho» a dizer à malta: «É pra andar à roda, mas só quando tocar».

Eles tinham acabado de varrer as avenidas da Aldeia e já estavam no descanso. Gostariam de andar na roda, mas a ordem tinha sido dada, já há tempos, quando da inauguração sem festa, dos baloiços; e foi respeitada.

Procurar inculcar nos rapazes o sentido da disciplina, não é fácil, devido aos maus hábitos que trazem da rua. Mas por estas pequenas coisas é que eles se corrigem.

x x x

Com o Adriano na cozinha ao domingo, a comida até tem ar domingueiro!

Ele é tipógrafo, mas é mais mestre de panelas que de letras.

É uma fartadela quando é escalado para a cozinha!

Hoje temos batatas no forno, com chicharro. Até eu — que tinha uma certa dieta — não resisti ao chicharro e mandei a dieta fazer domingo.

Ora isto vem a propósito de, pelo meio da tarde, haver passado pelo refeitório e ver «Sa-

pateiro» a arrastar um móvel do dito. E tão empenhado no trabalho do arrastar, que nem deu fé de quem estava!

Depois, tira pelas trazeiras duma gaveta um prato com batatas, das que se tinham servido ao meio dia!

Isto é o melhor elogio para o nosso Adriano, e diz da «gula» do «Sapateiro».

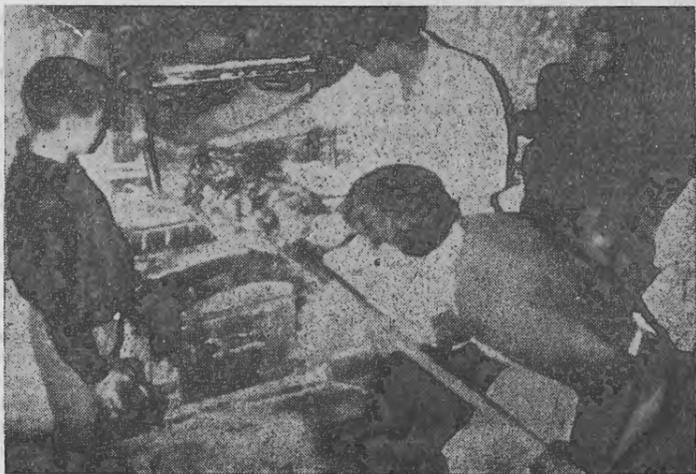
x x x

Este domingo deu-me para sair de Casa, em passeio com os «batatas», pela zona central de Paço de Sousa. Passámos pelo belo e frondoso parque do Mosteiro. Foi uma alegria para eles, debruçarem-se sobre a ponte romana a ver os patos do Sr. Padre Arlindo, como diziam.

Depois desta alegradela, tinha-lhes preparado uma outra em minha mente. Levei-os até à porta dos Bombeiros cá da terra, e deixei-os lá com a recomendação que não saíssem da porta, pois ia aos C. T. T. buscar os jornais do dia.

Da porta dos C. T. T. espreeitei a ver o que faziam. E que vejo?! Paulinho, que é da Guiné, com um capacete, dentro do pronto-socorro. «Bonequinho» idem, agarrado ao volante. «Toninho» a tentar subir para lá. E os outros não os encher-gava! Temendo diabruras e aborrecimentos, chamel-os e vieram dizer da visita ao quar-

Continua na QUARTA página



BATATAS NO FORNO, COM CHICHARRO.

## TRIBUNA de Coimbra

Há quinze dias, quando pagávamos mais uma conta de ferro e de cimento para as obras, conta que era de noventa e cinco contos e meio, o Carlos Manuel preveniu-me que ficávamos rapados. Olhei para ele e sorri-me, mas no íntimo fiquei preocupado.

No mesmo dia passei pela Casa do Castelo. Passo por ali muitas vezes. Muitos dos nossos Amigos também por ali passam a deixar-nos os seus mimos. A Maria Teresa, que geralmente me sauda com a sua frase carinhosa: — «hoje tem sorte», naquele dia diz-me ao ouvido: «esta está pesada» e entregou-me uma carta.

Em casa abri. Estava de facto pesada. Tinha dentro um cartão carregado com estas palavras — «Um casal amigo, a quem Deus muito tem ajudado. Para a construção de uma casa para

os vossos Pobres.» Com o cartão estavam quinze contos e quinhentos.

Muito mais do que o dinheiro, que foi todo para pagar cimento no dia seguinte, alegrou-me a atitude de sentimentos daquele casal. A Maria Teresa diz que é um casal ainda novo.

O primeiro sentimento é de uma consciência cristã que sabe que a grande ajuda vem de Deus. Deus é a fonte de todo o bem. O homem consciente não pode deixar de reconhecer as suas boas acções. Humilha-se e divide. A sua vida não é um círculo fechado. Há sempre uma entrada e uma saída para os outros.

O segundo sentimento de nobreza é o amor que se comunica. Talvez este casal tenha

Continua na QUARTA página



# DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

Aqueles que nos julgam introduzidos na alta-roda dos altamente colocados, enganam-se. Nós não conhecemos ninguém, nem ninguém nos conhece. Temos o nome de Baptismo e esse nos basta. O de família, deixámo-lo. O nosso poder dão-no-lo os Pobres cuja causa defendemos. Por isso «nos apresentamos ousadamente, como padres sem oiro nem prata, nem família, nem amigos, nem interesses, nem nada, sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas provém, não de nós, mas sim da total concordância entre o que dizemos e o que realmente somos».

Mais. Começamos a entrar num caminho de infidelidade à nossa vocação, quando julgamos servir a Obra por meio dos nossos amigos, quando a verdade é, e deve ser sempre, que é a Obra que nos granjeia amigos em recompensa do serviço da nossa vida, que anteriormente lhe entregámos.

Por isso a gente fala e escreve e pede e comunica com muitas pessoas que não conheciam e verdadeiramente não fica a conhecer, nem tal é preciso, porque aquilo de que se trata é algo que constroi a Justiça e por ela o Bem-comum: tem imanente a causa que produz o êxito.

E assim como não cultivamos a amizade íntima com ninguém, na esperança de virmos a colher dela benefícios seja para o que fôr, também da mesma forma reagimos quando somos nós os demandados.

Aconteceu recentemente em uma das nossas Casas. Uma imponente Assistente Social, funcionária de grande Empresa, apresenta-se com um caso, muito confiante em si mesma e na importância da Empresa que lhe paga. A Casa estava cheia e a funcionalidade da apresentação do caso não nos convenceu. A Senhora retirou-se um tudo nada menos imponente com uma negativa sem apelo. O caso era o de um peque-

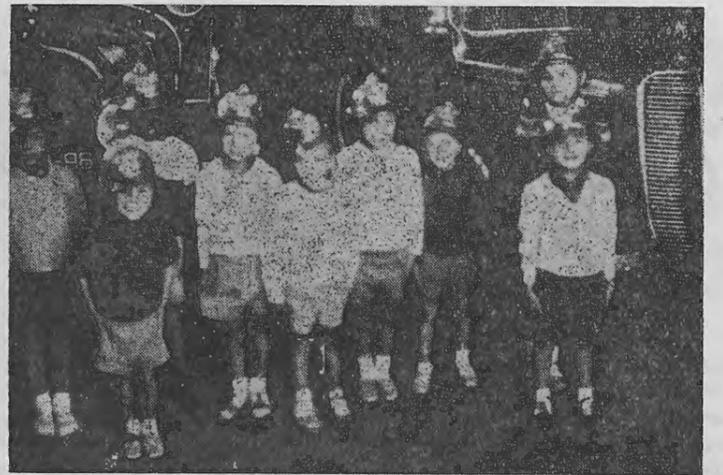
nito negro, que uma família de vários filhos, muito modesta de condição e de recursos, tomou como seu, quando — tinha ele um ano — a mãe desapareceu para não mais voltar. Baptizaram-no. Deram-lhe o seu nome de família. Criaram-no com os outros filhos, como filho, sob os olhares reticentes e a desaprovção de muito boa (?) gente.

Agora tiveram direito à sua primeira licença na Europa depois de muitos anos. O pequeno não pertence legalmente ao agregado familiar. Nem a Empresa lhe pagava a viagem (o que a Assistente Social deveria ter tentado como única solução certa!) nem a família tinha posses para o levar.

A Assistente levou a negativa sem apelo; mas a Mãe adoptiva do pequeno não se ficou e veio ela própria apelar.

O força das lágrimas de um coração humilde, verdadeiro! Nós não tínhamos lugar. Nós a recebermos o pequeno preferíamos que ele ficasse nosso. Ela não o queria dar — só que lho guardássemos enquanto fôsse à Europa. Venceu. O lugar, inventámo-lo. O pequeno aí está. Se, quando ela regressar, vier por ele, dar-lho-emos. Venceu ela, a humilde, com a verdade das suas lágrimas, do seu amor de mãe, que abraça por igual os filhos brancos da sua carne e o filho negro da sua caridade.

A Senhora Assistente foi e seria corrida sem apelo — a menos que se apeasse da sua importância, que abdicasse das suas técnicas e descobrisse, enfim, no coração daquela Mãe heróica a luz e a força para conquistar à Empresa mais uma passagem para este filho negro daquela Família branca, que a esta hora devia estar aprendendo a amar melhor a sua Pátria pertinho do berço onde Ela nasceu.



OS NOSSOS «BATATAS» TODOS PERFILADOS E EM AR DE GRANDES SENHORES — ARMADOS EM BOMBEIROS!



Cont. da TERCEIRA página

tel e do seu entusiasmo pelas macas, carros, mangueiras, etc. Alguns até já pretendem ser Bombeiros!

Ao passar novamente pela porta dos Bombeiros, fui empurrado lá para dentro, por aquela dezena de «batatas». Todos queriam que visse as coisas que eles viram — e tanto os entusiasmou. O pessoal da Corporação veio, entretanto, cumprimentar-me e dizer de como «os pequenos estavam contentes».

Enquanto conversava um pouco com estes amigos da PAZ, desapareceram os «batatas», para regressarem junto de nós todos armados de capacete, etc.

Premeditadamente, pois sei a atracção que os Bombeiros exercem nas crianças, levava a máquina fotográfica e ali mesmo tirei uma foto, todos perfilados e em ar de grandes

senhores. Ai vai uma gravura, para verem como eles ficaram.

Mas aonde eu quero chegar é aqui: No caminho, de regresso a Casa, perguntei:

— Quem quer ser Bombeiro?

— Eu! Eu! Eu!...

Todos o queriam ser.

Indagei, de novo:

— Porque é que vós quereis ser Bombeiros?

— Porque os Bombeiros são bons e fazem bem às pessoas.

Eles tinham razão. Ser boa pessoa e fazer bem aos outros atrai; entusiasma, convida a ser-se bom também e a fazer o bem.

Era isto que eu queria catar deles e comunicar a vós.

Porque é que o homem, cada um à sua maneira, não é Bombeiro: Bom e a fazer bem aos outros? Eis a lição.

Padre Abraão

## TRIBUNA de Coimbra

Cont. da TERCEIRA página

casa sua. Mas pode não ter. Não se fecha no seu próprio viver. Fora de si há todos aqueles que não têm casa com condições de vida humana. E todos esses têm direito ao bem estar. E todos têm direito a uma casa própria do seu estado. Por estes sentimentos fiquei mais contente com o cartão do que com as notas.

Façamos agora uma pequena análise ao procedimento da maioria dos casais que vive decentemente, pois não vale a pena falarmos nos que vivem na abundância e perderam já a sensibilidade da virtude da Caridade, contentando-se talvez com umas orações. Quantos se preocupam com a vida dos outros? Ouvem, compadecem-se, lastimam e seguem. Gasta-se dinheiro em velharias, frequentam-se praias e ambientes caros, fazem-se viagens grandes de recreio, come-se e bebe-se sem conta e medida, veste-se e calça-se de casas especializadas. E os outros?

A grande maioria não tem casa, não tem praia, não tem

termas, não tem remédios, nunca safu do seu meio, não tem que comer, não tem que vestir e calçar, não tem condições para educar os filhos.

Este ano, com as obras do Lar, a vida tem-nos sido ainda mais atribulada. Tenho encontrado, na maioria das pessoas, uma atitude de interesse, mas muitos ficam-se só nisso.

E então quando falo com gente que se julga importante e que se baba a dizer da simpatia que lhe merece a Obra do Padre Américo! E há tanta gente desta em Coimbra! Ora nós não precisamos de palavras babosas, mas sim de acções generosas.

Por tudo isto me fez bem a atitude discreta e cristã daquele casal. O seu óbulo foi um impulso para as duas contas daquele dia.

Agora tenho na mesa um monte de facturas para pagar, e ainda só estamos a chegar com a estrutura da casa ao telhado.

Quem vem contrabalançar as boas palavras que tenho escutado com gestos de mãos mais apertadas?

Padre Horácio

## PELAS CASAS DO GAIATO

### Paço de Sousa

CAMPANHA PARA O GRAVADOR

Porquê esta campanha? É sem dúvida uma necessidade muito grande. E, ao mesmo tempo, como bem diz o nosso querido povo: «Onde todos ajudam...». É verdade. O nosso gravador, companheiro de tantos anos, o nosso Philips, já não pode ajudar mais — pois está velho! Não podemos ficar em lamentos. Urge que outro venha substituí-lo. Muita pena nos faz. Mas, para melhor brilho das nossas festas, e como o público já se habituou à boa audição musical dada através dessa máquina maravilhosa, vamos pôr mãos à obra. Vamos por uma substituição rendosa é que não sirva para enfiar «barretes». Está bem? Tenho a certeza que os nossos Amigos (tanto da cidade Invicta, o nosso querido Porto, como Aveiro, Espinho, etc.) não nos vão querer deixar ficar mal; pois não?... Então, logo que vejamos estas linhas não se esqueçam que cá em Casa vamos co-

meçar a guardar todos os donativos destinados ao gravador. Mas não se esqueçam de assinalar: PARA O GRAVADOR. De contrário, Manuel Pinto & companhia não se «cortam» com a «massa» e, depois, adeus música, adeus gravador. Mas eu tenho muita fé em todos (as) que me escutam e não gostam de ouvir «ruídos», mas suave música. E ficamos à espera da vossa generosidade. Pode ser, até, que uma Casa da especialidade venha toda contente por aí fora — «Aqui têm um gravador funcional, para todas as mãos e para todas as festas». Seria ouro sobre azul!

José Ferreira

LAR DE COIMBRA

Com a alteração e criação do Ciclo Preparatório, alguns de nós — especial-

mente os do 1.º e 2.º ano — temos andado num constante vai e vem para arranjar os livros, pois cá em Casa cada um tem de se esforçar para arranjar os ditos e mais algum material escolar de que precise.

Tem havido uma generosa colaboração de muitos autores e livrarias que nos têm recebido e respondido com muito carinho. Muitos, devem ficar admirados quando os nossos mais pequenos lhes aparecem, mas não temos outro remédio.

Há dias houve certo autor do Porto, que, a pedido dum dos nossos, se não contentou só em mandar o livro que lhe era pedido, mas escreveu no mesmo uma dedicatória de admiração e muita estima pela nossa Obra, e o contentamento que tinha em poder colaborar connosco, enviando também uma certa quantia em dinheiro.

Portanto, amigo, se és autor, ou tens facilidade de nos fornecer alguns livros de que precisamos, colabera connosco para a nossa realização no dia de amanhã.

Francisco José



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE